



REDATOR PRINCIPAL,

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confédération Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Cembo, 28-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Fábrica - Lisboa • Telefone:

Oficinas de imprensa: Rua da Atalaia, 124

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

POVO: DEFENDE-TE!

Resistamos todos aos sordidos planos dos senhorios!

Ante a tentativa dos detentores da habitação é mister que não só a classe operária, mas todos os indivíduos que não são ricos, isto é, todos os que sofrem as duras extorções dos senhorios sem escrúpulos, formem uma forte barreira que seja capaz de impedir, num esforço comum, que aqueles levem por diante a sua intenção de fazer recair um novo aumento sobre a renda da habitação, em geral já alugada a preços excessivos.

O povo de Lisboa só provará o seu real interesse pelo presente movimento de protesto se acorrer às sessões de preparação do grande comício público, que a União dos Sindicatos Operários promove, e se a esse comício fôr manifestar, com a sua presença, a disposição de participar dum protesto maior contra os gananciosos senhorios.

O Estado contra as suas leis

Ensina-se na escola a respeitar o Estado como se ensina no lar a respeitar os pais. Por toda a parte, pela imprensa, pelo livro e pelo discurso se prega o respeito ao Estado e observância às suas leis. Ele é mostrado pelos seus aspectos, ao povo, como um Deus a quem é preciso amar e obedecer. Diz-se que o Estado só tem em mira os interesses dos que são trabalhadores pacíficos e honrados; que a sua razão de ser se bascia na justiça e na liberdade aos governados assiste. Ele chamou a si o encargo de produzir leis, que todos, sem distinção, saída há pouco das suas mãos, é uma das suas muitas mentiras. Essa lei foi criada no intuito de, mais uma vez, ludibriar os trabalhadores, convencendo-os de que o simples facto de uma das suas mais caras aspirações vir impressa no *Diário do Governo* não é bastante para que elas entrasssem imediatamente no gôso dessa regalia. Grande distância vai do palimpsesto à ação, à realidade, e como a realidade é que nos serve, a nós, proletários, e ao Estado apenas convém o papel (letra morta se não lhe dermos vida).

Como «indesejáveis» foram deportados para a Itália: Angelo Faggi, editor do *Il Proletario*, órgão, na língua italiana, das I. W. W. (sindicais) e Luigi Galani, activo militante anarquista.

Desanovos companheiros de naciona-

lidade italiana, recentemente postos em liberdade, em Milwaukee, foram de novo presos em Chicago, para serem deportados.

Jacob Schwartz, foi assassinado no quartel da polícia, em Nova York; P. Marucco, deportado para a Itália, foi assassinado em viagem.

Por distribuir uma circular contra a intervenção armada na Rússia, foram sentenciados: J. Abrams, S. Lipman, H. Lachowsky, a 20 anos de prisão e mil dólares de multa. Pelo mesmo facto, uma jovem de vinte anos, Mollie Stiner, foi condenada a 15 anos de prisão e 500 dólares de multa.

John Meehan, por ser sindicalista, e com 25 anos de residência neste país, foi deportado para a Inglaterra, sem roupa nem coisa alguma, depois de ter estado encerrado cerca de dois anos.

Manuel Ferrer foi deportado para a Espanha, ficando-lhe a roupa na bastilha d'Ellis Island, N. Y.; F. R. Lopez, levado ocultamente de Boston, em trem, através dos Estados Massachusetts, Rhode Island e Connecticut, até Nova York, para ser embarcado num vapor que partiu para a Espanha. Angelo Verrichio, de Utica, N. Y. (desaparecido misteriosamente) foi embarcado secretamente para a Itália.

Condenados entre 10 e 20 anos, estes não fraquejam, porque um minuto só de desfalcamento representa a perda do que custou muitos anos de labuta e de sacrifícios.

Em 1921

A excursão operária a Paris

A ideia nestas colunas lançada por três redactores da *Batalha* de se organizar entre os militantes operários os sesjos de conhecer Paris, a cidade das grandes tradições revolucionárias, uma excursão a essa capital, a efectuar no outono de 1921 parece, a calcular pelas numerosas adesões que temos recebido, ter sido acolhida com a maior satisfação.

O Estado, como o Capital, só concedera as regalias que os trabalhadores lhe souberem conquistar. E' necessário, portanto, que estes não fraquejem, porque um minuto só de desfalcamento representa a perda do que custou muitos anos de labuta e de sacrifícios.

E' ajuda na construção da linha do Vale do Sado, no troço de Alcácer do Sal, onde trabalham cerca de 600 operários, que o Estado mantém o dia de 10 horas e despede nove trabalhadores que tiveram o bom senso de lhe lembrar que há bem poucos dias pôs ele em vigor o novo regulamento, que lhes faculta a liberdade de trabalhar apenas oito horas, e que tem os governantes obrigado de acatar as leis que do Estado emanam.

E o que sucede na Casa da Moeda, na linha do Vale do Sado, repete-se nos hospitais e outros estabelecimentos que ao Estado pertencem.

Um tal procedimento da parte daquele que não deve errar nunca, que não deve contradizer-se, que está moralmente comprometido a agir de conformidade com as suas próprias leis, deixar-nos ia boquiabertos se não soubessemos, muito, que tudo o que dele que respeitam à mesma Companhia

NA LIVRE AMÉRICA

Perseguições inquisitoriais

Dum preso camarada nosso, que há tempo reside na América do Norte, acabamos de receber a seguinte carta, muito elucidativa acerca da draconiana forma como no país da liberdade são tratados os elementos mais ativos da organização sindicalista revolucionária:

Caros camaradas: Há algum tempo que lhes escrevi uma carta, ignorando se a receberam, e há dias enviei-lhes livros tratando do julgamento, em Chicago, dos camaradas William D. Haywood, Red Doran e Eugene Debs, assim como diversos outros livros e algumas circulares.

O camaráada Haywood está em liberdade, com mais vinte e cinco compatriotas, sem fiança, até à próxima revisão do processo.

As classes dominantes, aqui, continuam a sua obra infame na perseguição daquelas que, sentindo o mal-estar social, propagam ideias novas.

Aqui, na América, na «libérrima» América, que mandou os seus soldados levar à Europa a «liberdade e os direitos dos povos», fusilaram-se, metralharam-se os trabalhadores, (como tem feito a polícia e o militarismo na actual greve dos metalúrgicos), prendem-se e conservam-se nas prisões, durante anos, sem julgamento, centenas de trabalhadores e deportam-se outros e, para sempre, ai vão alguns fragmentos.

Como «indesejáveis» foram deportados para a Itália: Angelo Faggi, editor do *Il Proletario*, órgão, na língua italiana, das I. W. W. (sindicais) e Luigi Galani, activo militante anarquista.

As classes dominantes, aqui, continuam a sua obra infame na perseguição daquelas que, sentindo o mal-estar social, propagam ideias novas.

Aqui, na América, na «libérrima» América, que mandou os seus soldados levar à Europa a «liberdade e os direitos dos povos», fusilaram-se, metralharam-se os trabalhadores, (como tem feito a polícia e o militarismo na actual greve dos metalúrgicos), prendem-se e conservam-se nas prisões, durante anos, sem julgamento, centenas de trabalhadores e deportam-se outros e, para sempre, ai vão alguns fragmentos.

Portanto, a lei das oito horas, saída há pouco das suas mãos, é uma das suas muitas mentiras. Essa lei foi criada no intuito de, mais uma vez, ludibriar os trabalhadores, convencendo-os de que o simples facto de uma das suas mais caras aspirações vir impressa no *Diário do Governo* não é suficiente para que a justiça seja perfeita e não haja lugar a protestos nem a maus exemplos, propõe-se assim a Estado respeitar o fazer cumprir as suas próprias leis. Portanto, se uma lei abrange esse Estado, ele e os seus funcionários auxiliá-lo na sua quase divina execução — tem por obrigação cumprir-la sem um protesto, sem queixume que poderia gerar a desordem numa nação.

* * *

A pretensão das oito horas de trabalho máximo foi apreciada, julgada justa pelo Estado e transformada em lei. Depreende-se, portanto, que o Estado, especiamente na fabricação de leis e regulamentos, deveria ser o primeiro a respeitá-las e a fazê-las cumprir pelos seus funcionários e pela burguesia a quem sustenta. Eis o que não acontece, embora a lógica assim mandasse.

E' exactamente nos estabelecimentos, nas obras desse mesmo Estado que a lei não é acatada. E' na Casa da Moeda que o novo decreto é desputado de uma maneira aviltante; é ali que, havendo actualmente necessidade de maior produção, o Estado, em vez de recrutar mais pessoal para executar esse trabalho dentro do horário legal ou pagar as horas extraordinárias a dobrar, como manda a sua lei, é ali que o Estado procede, à guixa de qualquer industrial ganancioso, do seguinte modo: transforma as duas horas excepcionais em horas normais, pagando-as na proporção das oito horas legais, do que resulta uma dia normal da dez horas.

E' ajuda na construção da linha do Vale do Sado, no troço de Alcácer do Sal, onde trabalham cerca de 600 operários, que o Estado mantém o dia de 10 horas e despede nove trabalhadores que tiveram o bom senso de lhe lembrar que há bem poucos dias pôs ele em vigor o novo regulamento, que lhes faculta a liberdade de trabalhar apenas oito horas, e que tem os governantes obrigado de acatar as leis que do Estado emanam.

Todas as comunicações referentes a excursão operária a Paris podem ser feitas na redacção da *Batalha*, das 21 as 24 horas.

Ferroviários demitidos

Com o chefe do governo conferiu-se uma comissão delegada do Sindicato Ferroviário, acerca da situação dos ferroviários demitidos e amanha, pelas 14 horas, deve realizar-se uma conferência, entre os sr. S. Cardoso, ministros das finanças e do comércio e os diretores da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, em que será tratado aquele assunto e outros.

No dia 4, a mais de duas milhas a noroeste da barra de S. Vicente, foi visada uma outra mina flutuante. — Rádio.

FRUTOS DA GUERRA

Minas que ainda flutuam

MADRIS, 10.—A Direcção Geral da Navegação e Pesca Marítima comunica aos capitães dos portos ter sido vista uma mina flutuante à entrada do Funchal.

No dia 4, a mais de duas milhas a

Quem não trabalha

não deve comer!

Fórmula trivial, mas feliz Colho-a o *Temps* que a colheu na «Bochia».

Fórmula sindicalista outrora, hoje soviética. Contém toda a teoria do produtor, esteio das sociedades, proclamando o valor social desse e a nocividade do parasita de cima e de baixo. Bem sei que, para o *Temps* e para o «boche» que lançou a fórmula, trata-se mas é do operário, que não deve comer não querendo dar ao capitalista todo o vigor do seu espírito e do seu corpo.

Ilusão! Não. Verdade amanhã. Quem o contesta, apressa-se a dar a solução

realizada amanhã do problema do papel-moeda, do problema do carvão, do problema da produção de todos os produtos necessários aos homens. E isso não em afirmações e raciocínios, mas em factos. «Onde está, nos últimos dez meses, o melhoramento prometido na ordem económica, financeira e fiscal? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

Ilusão! Não. Verdade amanhã. Quem o contesta, apressa-se a dar a solução

realizada amanhã do problema do papel-moeda, do problema do carvão, do problema da produção de todos os produtos necessários aos homens. E isso não em afirmações e raciocínios, mas em factos. «Onde está, nos últimos dez meses, o melhoramento prometido na ordem económica, financeira e fiscal? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrenagens fatais de uso. Assim sucederia, se ele não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo concorre para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gôzo desenvolvido, a elevação inexorável do custo de vida, o instinto de classe em progresso. «Que há de fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: «quem não trabalha não tem direito a comer»? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrenagens fatais de uso. Assim sucederia, se ele não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo concorre para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gôzo desenvolvido, a elevação inexorável do custo de vida, o instinto de classe em progresso. «Que há de fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: «quem não trabalha não tem direito a comer»? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrenagens fatais de uso. Assim sucederia, se ele não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo concorre para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gôzo desenvolvido, a elevação inexorável do custo de vida, o instinto de classe em progresso. «Que há de fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: «quem não trabalha não tem direito a comer»? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrenagens fatais de uso. Assim sucederia, se ele não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo concorre para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gôzo desenvolvido, a elevação inexorável do custo de vida, o instinto de classe em progresso. «Que há de fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: «quem não trabalha não tem direito a comer»? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.

O tempo, dizem, remediará! Posso replicar: o tempo agravará! Porque o tempo aumenta o desgaste de todo o mecanismo social e não convém que o proletariado receba em herança engrenagens fatais de uso. Assim sucederia, se ele não se preparasse para precipitar a abdicação burguesa. Porque, a despeito dos apelos, das comissões, das invocações ao trabalho intensivo, essa abdicação virá. Tudo concorre para esse fim: o apetite maior do capitalismo, os seus deveres para consigo próprio, o desejo de gôzo desenvolvido, a elevação inexorável do custo de vida, o instinto de classe em progresso. «Que há de fazer para precipitar essa abdicação? Declarar o proletariado que a restauração económica e social está subordinada à aplicação desta fórmula vulgar: «quem não trabalha não tem direito a comer»? Quem o pode colocar sobre um tapete

si sindicalista: trabalhar para a colectividade e em benefício dela. Ingenuidade no caso, é certo. Não importa! Em todo caso a preocupação de mudar de rumo é a preocupação de mudar a parte se mantenham essas convulsões sociais, que elas agravem o mal-estar económico, e ao cabo vem a abdicação da burguesia.</p

AS 8 HORAS DE TRABALHO

E' incontestável que as oito horas de trabalho do Porto, e a quem exigem que, imediatamente, de ordens neste sentido.

EM COIMBRA

Vai cumprir-se a lei?

Muito pelo contrário. Se examinarmos o desenvolvimento moral e físico do operariado mundial, vemos que é exactamente nos países onde este horário é mais ou menos seguido, que esse desenvolvimento é mais completo.

Atrás das oito horas veio o progresso das indústrias pela introdução das máquinas; veem os princípios de higiene para o povo, que tanta falta fazem em Portugal, vêm a maior freqüência das escolas noturnas, tornando-se assim o povo mais culto.

EM CHAVES

Os operários fazem cumprir a lei

A construção civil desta vila está na disposição, custe o que custar, de fazer executar o decreto das oito horas; e mesmo que, o decreto a não atinja, como querem o administrador e alguns mestres reivindicá-las há pelo seu próprio esforço. E' o que se compreende das conversas dos poucos operários dessa indústria e o que ficou resolvido na sessão do dia 3, na U.O. Trasmontana: entrada para o trabalho às 8, saída às 17, com uma hora de intervalo para jantar.

Alguns mestres e patrões não fizeram grande reparo, quando os operários no dia 4 cumpriram aquela resolução. Porém, um *alquitecto*, mestre de obras e fiscal da câmara, não querendo sujeitá-se às implicações da lei nem do seu pessoal, fechou as obras para os que quisessem trabalhar pelo horário antigo, despedindo-os. O resultado dessa sua caturrice foi ficar sem um único operário, pois todos arranjaram colocação noutras obras, onde lhes garantiam insossimavelmente a regalia desejada.

Então, o dito mestre *alquitecto* já dava as oito horas, apesar de dizer que não recebia imposições de ninguém e muito menos dos seus escravos. Foi tarde, porque os seus operários, vendendo o maior inimigo dos seus direitos, juraram nunca mais trabalhar sob as suas ordens.

Este gesto merece ser apreciado por todos os trabalhadores de Chaves, como uma ação digna que demonstra uma bela consciência operária. — C.

EM ESPINHO

Um administrador modelo

Gracias à notícia que aqui publicámos há dias sobre a maneira como em Espinho se cumpria o horário de trabalho, somos informados de que o administrador daquele concelho se resolveu a mandar avisar, pelo oficial da administração, alguns negociantes, seus adversários políticos, para abrirem os estabelecimentos às 9 horas da manhã e encerrá-los às 19, exceptuando desta obrigação os seus correligionários, a quem concedeu todas as tropelias em prejuízo da mesma lei. Assim é que, alguns desses correligionários, por residirem nos estabelecimentos e a título de necessidade duma porta para sua serventia particular, estão até altas horas da noite com os mesmos abertos, obrigando os empregados a estar fora do balcão, para melhor lhearem a lei.

Para círculo, Associação Comercial da terra reuniu para resolver a melhor forma de não cumprir a lei e, como não achasse solução mais prática, deliberou encerrar os estabelecimentos de mercaria por três dias... em sinal de protesto.

EM ABRANTES

Industriais retrógrados

Abrantes é, como muitas outras terras do país, uma localidade onde a lei das 8 horas de trabalho é letra morta. Assim, quando em Maio do corrente ano foi publicada aquela lei, e, devido à imposição dos trabalhadores dali, estes conseguiram usar aquela regalia. Porém, passaram 60 dias e devido à contrariedade dos adjuntos, a burguesia, aproveitando-se desse facto, retirou tal regalia, continuando os operários a trabalhar 12 horas.

A lei entrou definitivamente em vigor, como de toda a gente é conhecido, no dia 1 do corrente mês, mas, apesar disso, os senhores donos daquela localidade entenderam por bem não fazer caso das determinações governamentais, e os operários vão trabalhando dentro dum horário que de há muito passou à história.

Considerando que as autoridades cometiam uma inqualificável violência pois que estes colegas nada mais fizem que chamar a atenção dentro da maior cordura ao patronato transgressor ou o cumprimento da lei;

Considerando que poderão testemunhar coisas pessoas que estavam presentes o facto acima apontado;

Considerando que a prisão desses colegas, foi um insulto atirado à mesma Classe dos E. no Comércio e um manifesto desrespeito à lei que o parlamento aprovou, resolvem:

1.º—Protestar altivamente contra a violência cometida na pessoa dos colegas a quem prestam, pelos seus actos, a maior prova de solidariedade.

2.º—Manifestar com desgosto profundo que as autoridades estão em completa cumplicidade com o patronato retrógrado e provocador, para obstar à execução da lei das 8 horas.

3.º—Lembrar ao ministro do trabalho e do interior que a lei que o parlamento votou é digna de ser usada pela numerosa classe dos E. no Comér-

O movimento operário britânico

A inevitável revolução

Temos aqui dado aos nossos leitores vários aspectos do movimento operário inglês, que são outros tantos síntomas dum profunda transformação que se está operando.

A burguesia britânica livrou-se, por prego reduzido, da grande crise revolucionária que a greve ferroviária já desencadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo, que aliás permitiu ao proletariado desenvolver a sua força para conçaguar. A crise dos caminhos de ferro, disse glossing, presidente da Federação dos Operários dos Transportes, foi o sinto da movimento futuro irresistível para elevar o operário da posição de salário-a-de associado.

Agora, está a classe dirigente do grande colosso imperialista a bracos com a agitação contra a intervenção russa e o bloqueio — agitação ruvidamente apoiada pelo ex-chefe de governo Asquith, que nela vê a maneira de refazer a sua popularidade — e com a grande reivindicação dos mineiros, a nacionalização das minas, objectivo que não dará os frutos esperados, os quais só poderão brotar da verdadeira socialização e da completa transformação política da sociedade, mas que ao menos exprime, como nota Griffiths, a preocupação de dar ao trabalho um sentido social, de emancipar a produção da exploração e tiranía individuais.

De modo que tem cada vez maior cabimento a opinião formulada, a propósito da greve ferroviária, por J. L. Hammond, no *Manchester Guardian*, diário liberal, Oicam-lo:

"Há poucos dias, estava a nação mais perto da guerra civil do que nunca, desde 1830.

Os tumultos cartistas não se compararam com as agitações operárias que haviam de acompanhar a extensão da greve. Muita gente bem informada sabe que o pleno do governo, preparado na previsão da adesão dos operários dos transportes à greve, implicava uma guerra de classes da espécie mais áspera. A importância da batalha teria sido bem maior do que a da luta cartista, porque, no tempo desta, estava a organização operária apenas nos seus incípios, e por outro lado, o problema dos abastecimentos é hoje infinitamente mais complexo do que nos meados do século passado. Surpreende haver no governo homens prontos a afrontar a luta, antes que ceder fosse o que fosse.

Advogaram a união da classe para assim se poder reivindicar as reclamações que se vão apresentar aos poderes constituidos.

Nomeia-se uma comissão composta dos srs. José Mestre Ramos, Pires Ladeado, Carlos do Amaral, Francisco Martins e Soares Caneiro.

Por proposta do sr. Sande Freire esta comissão é aprovada por aclamação.

O sr. Jorge dos Santos defende no final da sessão, a situação dos inactivos e dos aposentados.

O Conselho ir-seá manifestar e convocará a classe para o mesmo fim.

Serventes de Pedreiros e Estudantes — Convidam-se as comissões de melhoramentos dos Bairros Sociais n.ºs 1, 2 e 3, a reunir hoje, às 20 horas, para tratar de assuntos que se prendem com os reincidentes bairros.

Pintores — Reúne em sessão magna hoje, pelas 20 horas, para leitura do estatuto do Sindicato Único e para protestar contra a ganância dos senhorios.

Esta sessão é para sócios e não sócios.

Pessoal dos Operários Municipais — Largaram o serviço ao meio dia de segunda feira para assistir à continuação da sessão magna realizada no domingo, na Federação da Construção Civil, a fim de apreciar as *démarches* da comissão da União do Junto da Câmara sobre as reclamações desta classe.

Em face da atenção que a Câmara lhe tem dispensado resolvem ir assistir à réuniao do Senado Municipal que se realiza nessa noite. Como a sessão é para sóciros e não sócios.

Operários Marceneiros — Reúnem-se esta sessão, tendo nomeado o camara Antonio de Oliveira delegado à sessão solene da inauguração da banheira do Sindicato dos Cerâmicos.

Também a mesma camarada foi nomeada por este sindicato delegado à comissão pró-presos por questões sociais. Aprovou uma moção dando o seu franco apoio ao movimento que a U. S. O. vai iniciar contra o aumento das rendas das casas, aprovando uma outra sandeando o povo russo pela passagem do 2.º aniversário da sua revolução, e aconselhando os seus consócios ao estudo das questões que lhe estão afetas, para a conquista da sua integral emancipação.

Resolvem mais contribuir com a quantia de 10000 para as despesas a fazer com a organização do Sindicato Único Móvel, pondo à disposição da respectiva comissão a quantia que este sindicato possa dispor.

Inscritos Martímos — Reúne no dia 12, pelas 19 horas, a fim de apreciar os trabalhos da comissão nomeada na última assemblea para tratar dos aumentos de salário e horário de trabalho.

Contra os senhorios gananciosos

A habitação é um problema que de dia para dia se vai agravando, devendo a incômodo dos governantes e à ganância sempre crescente dos senhorios.

E' difícil, a quem não tem bens, arranjar um emprego público ou pedir a mão de qualquer menina em casamento, adiar a aquisição dum fato novo de mês para mês e até de ano para ano, também é difícil, mas consegue-se à iorça de remedos; agora, não ter dor de dormir e comer, ser condenado, principalmente a questões de emprego de trabalho e, em especial, do pagamento dos serviços extraordinários.

Transferência de operários

Reúne-se esta sessão magna, que deixa a classe para que não deixe de acudir a qualquer convocação necessária ao bom resultado da questão.

Brevemente se realizará uma sessão magna onde se exporá o resultado dos trabalhos da comissão.

Uma nota oficiosa da União dos Sindicatos de Lisboa

Com o fim de tornar mais clara a matéria contida nas conclusões da moção de ordem, apresentada pela comissão administrativa e aprovada pela assembleia de delegados na sua última reunião, com exceção da alínea g), respeitante ao aumento das rendas, foi este assunto entregue a uma comissão nomeada pela mesma assembleia, composta de onze camaradas, por proposta do delegado dos marceneiros, ficando a mesma comissão incumbida de estudar o melhor meio de realizar o movimento de protesto contra a desmedida ganância dos senhorios.

Resolvem avisar todos os proprietários de talhões e de saltecharias de que tem que cumprir e respeitar a lei 5510 (lei das 8 horas) assim como a lei do descanso semanal.

Polidores de Móveis — Reúnem a assembleia magna, que apreciou a forma como a comissão que foi nomeada para conseguir para esta classe o aumento de 40 por cento sobre os salários anteriores, soube satisfazer o seu proprietário que aquele prédio vendido ao novo-rico Joaquim Pires, que pensou imediatamente em elevar as rendas.

Protestou contra o bloqueio que os portugueses estão impondo aos nossos irmãos russos, sem respeito pela vida das mulheres, velhos e crianças, e gando-se durante alguns meses, a rece-

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários

Reuniu a comissão administrativa que, entre outros trabalhos de administração, resolreu fazer uma circular para ser enviada aos sindicatos, convocando-os a representarem-se pelas direções e delegados numa reunião que será oportunamente anunciada. Apreciam um ofício enviado pela Cruzada Social, que será submetido à próxima reunião de delegados. Para a sessão de protesto, a reunião amanhã pelo sindicato dos chapéus, e dia 18 o encontro de delegados.

A burguesia britânica livrou-se, por prego reduzido, da grande crise revolucionária que a greve ferroviária já desencadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo, que aliás permitiu ao proletariado desenvolver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolucionária que a greve ferroviária já desencadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A burguesia britânica livrou-se,

por prego reduzido, da grande crise revolu-

cionalária que a greve ferroviária já desen-

cadeou.

Mas ganhou apenas um intervalo,

que aliás permitiu ao proletariado desen-

volver a sua força para conçaguar.

A

O que vai lá por fora

NO JAPÃO

As ideias socialistas—A influência da revolução russa

Até no Japão, o império militarista, que só pode ter comparação com o império germânico, o movimento socialista vai progredindo.

O extraordinário desenvolvimento industrial dos últimos cinco anos, seu origem a um vigoroso movimento proletário, todo de influência pelas ideias socialistas. Mas não é só aos operários que o socialismo está atraindo, mas também a muitas pessoas altamente colocadas.

O governo e as classes privilegiadas sufocam ferozmente o mais pequeno sinal de revolta ou de protesto dado pelos trabalhadores, mas as condições económicas são tão—é tal o contraste entre a pobreza das massas e a riqueza escandalosa da burguesia—que nada pode deter as ideias de rebelião.

As condições higiênicas e os salários nas fábricas de tecidos são de tal forma, que todas as mulheres que para lá entram, é o mesmo que irem para o matadouro; só escapam as massas e a riquesa escandalosa da burguesia—que nada pode deter as ideias de rebelião.

* * *

Sen Katayama, *leader* do partido socialista japonês, declarou que graças ao jornal independente de Tókio "Economista Oriental", todos os japoneses estavam bem informados acerca da revolução russa, e que os socialistas do seu país estavam prontos a ajudá-la em tudo, quanto estivesse no seu alcance.

A atitude tomada pelo "Economista Oriental", o único periódico sensato de poder e influência bolchevista da Rússia, merece, diz Sen Katayama, que mimique, e sobretudo os socialistas—, a ignorar.

Nunca atacou a revolução bolchevista; condonou sempre a intervenção japonesa na Sibéria, e adrogou e insistiu pelo reconhecimento do governo de Lénine.

Assim, num artigo publicado, em 5 de Abril deste ano, com o título "Retirar as nossas tropas da Sibéria e o Economista Oriental" disse que, tendo o ministro dos estrangeiros afirmado que as tropas japonesas não se intronizariam

jámais na política interna da Rússia, no entanto, a sua colaboração com o governo de Omsk estava desmentindo essas palavras e que por isso se tornava necessário,—e todo o povo o reclamava,—que se fizesse imediatamente regressar ao Japão todos os soldados que se encontravam na Sibéria.

Está claro que os protestos e artigos do "Economista Oriental" até agora de nada tem servido, visto que o Japão continua, ao lado dos seus aliados, envolvido para que seja introduzida na Rússia a ordem e a paz, mas, todavia, ele tem contribuído muito com a sua honesta campanha, para abrir os olhos e espalhar o descontentamento entre as massas trabalhadoras do Japão.

A liga oriental para libertar a Ásia

Nas suas mensagens aos povos do Oriente, o governo dos Sovientes tem-lhe dito sempre que a sua única salva-

cão está numa união imediata e ação combinada contra a autoridade britânica.

Assim ao povo do Afeganistão disseram os bolchevistas russos: "O governo dos Sóviets, desde o primeiro dia que tomou conta do poder, tem patenteado ao mundo inteiro o seu desejo de não só reconhecer a todos os povos o direito de se governarem, mas também de ajudar aqueles que queiram lutar pela sua independência, e pelo direito de organizarem a sua vida interna conforme os seus desejos, sem consentirem a interferência de governos imperialistas estrangeiros".

Inspiradas e encorajadas por estas nobres palavras, as populações escravizadas e oprimidas da Ásia e norte de África começam agora a despertar e preparar-se para a luta.

Diss. o New York Times de 3 de julho, que uma nova organização, denominada "Liga Oriental" se acabava de fundar com o fim de esmagar o imperialismo britânico na Ásia e África, e que as insurreições no Egito, o ataque repentina dos árabes, e a notável colaboração entre árabes e muçulmanos, decerto já eram consequências dessa associação.

A Inglaterra, como verdadeiro campeão da liberdade e da justiça, começo já tomado as suas medidas na Índia, tendo condenado à morte 103 pessoas, exilado por toda a parte 265, confiscado 365 propriedades e suprimido quase todos os jornais (desde 1 de Março a 14 de Julho foram obrigados a suspender a sua publicação 54) contrários à sua política.

A perseguição e as torturas exercidas pelas autoridades inglesas sobre o povo indiano, tem levantado tal indignação que até aqueles que a Inglaterra costumava mimosear com títulos de honra e privilégios especiais, para que defendessem a sua política de opressão e tirania, se mostram revoltados e cheios de indignação.

Assim, o poeta e filósofo indiano Rabindranath Tagore pediu ao vice-rei que lhe retirasse o grau de "cavaleiro" em sinal de protesto contra os ultrajes cometidos sobre o povo de Punjab em nome da "ordem e da lei".

Encontra-se, presentemente, na Inglaterra uma deputação do Congresso Nacional da Índia que, sob a proteção do partido trabalhista, pretende fazer uma campanha pelas principais cidades do Reino Unido, reclamando que seja reconhecido à Índia o direito de se governar e de se dirigir sem intervenção de governos estrangeiros.

Destas deputações fazem parte duas mulheres: Mrs. Annie Besant, socialista inglesa, residente há muitos anos na Índia, e a poeta indiana e eloquente Sarojini Naidu.

Com certeza que não será da ação de Mrs. Besant e confrades que virá a emancipação do povo da Índia, mas, no entanto, esta, entrevistada pelo jornal socialista "The Labor Leader", declarou que também fazia parte do seu programa, além de muitos projetos de educação, a entrega das terras às comunas aldeias, a cultura destas, assim como todas as questões locais, reguladas unicamente pelos seus Conselhos próprios.

Uma carta

De José Negrão Buiel, velho professor e propagandista sindical no Algarve, recebemos, há dias, esta singular carta a que só hoje pudemos dar publicidade:

Razões de ordem moral, que alguns camaradas conhecem e que muitos outros ainda não, impõem-nos o infaustíssimo dever de sair do movimento operário, campo de luta e de honra onde, durante 28 anos, pelas mais nobres obrigações, militaram com coragem e abnegação, lutaram e sacrificaram.

Antes, porém, do último adeus, escutado pela autoridade que me dá o meu passado e este meu gesto, ne presente, seja-me permitido fazer algumas considerações de maneira direta, e por razão de sentido de devoção, carinho e simpatia.

Que a emancipação do operário há-de ser obra do próprio operário, é verdade que, por mil maneiras diferentes, em tempo demonstrado, se bem que como axioma a possamos admitir. Mas como essa emancipação é obra de um dia, e não de um mês, como, infelizmente, o círculo desenvolvido e equilibrado escasseia, por enquanto, entre a classe trabalhadora, há que aprovar a ação aleviada e lida de todos aquelas que ao movimento operário queriam, por amor puro as grandes causas, oferecerem a sua ajuda, e que, por razões de crença e apropriação quanto mais duradura e experimental na adversidade, é a prudência que o aconselia e o lógica e gratidão que o impõem.

De resto, em todo a minha longa vida de propaganda, sempre cometei sempre, com tanta energia como resoluta, e com o maior entusiasmo do operário o próprio operário!

Evidentemente, não é só abandonar, embora amarga, que abandono o campo de batalha onde hei vivido tan intensamente quando era jovem, e em que vi calor com honra e dignidade dos camaradas valentes e sinceros que hei conhecido.

Que me sirva de consolação a certeza absoluta de que nenhum operário, nenhum orgânicos consciente dividirá jamais das minhas intenções como da minha ação. E se não puder esperar de todo o meu esforço e martírio.

A classe operária, em geral, e nos meus camaradas e amigos, em especial, envio, pois, o irrevergível abraço de despedida, garantindo que, desaparecido o propagandista, fica o profissional e o sempre fiel e sincero. Portimão, 26-10-1919.—José Negrão Buiel, professor de ensino.

MÚSICA

Orquestra Sinfônica de Lisboa

Tem sido enorme a assinatura para os 10 concertos que este ano se realizam no teatro Politeama, pela Orquestra Sinfônica de Lisboa, dirigida pelo maestro Viana da Mota. Devem ser admiráveis festas de arte, justificando esse interesse que a tradição provoca, já o programa do primeiro que no domingo se realiza e logo na primeira parte inclui composições de Wagner e Saint-Saëns.

Concerto sinfônico

Para apresentação do distinto e nôvel maestro compositor José Cordeiro, diplomado com o 1º prêmio do Conservatório de Lisboa, efectua-se no teatro Nacional, no próximo domingo, 16, pelas 15 horas, um grande concerto sinfônico em que tomarão parte 80 executantes. O programa é sob todos os pontos de vista interessantíssimo, composto exclusivamente de várias produções da autoria do apresentado.

As greves em França

Trabalhadores e imprensa

PARIS, 11. — Não tendo os diretores dos jornais concedido a indemnização de 5 francos para a carestia da vida os operários empregados nas imprensa dos jornais resolveram fazer greve esta noite. E' portanto provável que grande número de jornais não se publiquem amanhã. — H.

SINDICATOS da PROVÍNCIA

Carpinteiros Portuenses. — Com grande concorrência dos associados, reuniu há dias esta classe, para apreciar as declarações do delegado ao Congresso Corporativo e Nacional Operário. Antes de se entrar na ordem dos trabalhos foram discutidos vários assuntos de ordem geral, e lido expediente que teve o devido destino. Em seguida o delegado espraiou-se em longas considerações sobre os trabalhos aprovados no Congresso, demonstrando o largo alcance do sindicato único de indústria, que urge pôr em prática no Porto. Em seguida foi aprovada uma proposta dando plenos poderes à direção para junto das suas congêneres instituir o sindicato único, e nomeada uma comissão de cinco membros para propaganda do mesmo nome.

Os serviços prestados às classes nela federadas não é óbvio agora que descrever, contudo algo tem a referir sobre ela, e portanto mato à obra:

Quando em Agosto de 1914 se fundou a dita Federação, ela foi acochada com entusiasmo por todas as classes marítimas e acessórias, do país, pois via preencher uma lacuna que as mesmas de há longo tempo muito sentiam; foi até um passo de gigante no campo das nossas reivindicações proletarianas que muito os honrou e distinguia. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esforço para a dita organização, e que muitos honraram e distinguiu. Era a primeira vez que todas as classes desta indústria do país se reuniam numa só assembleia, onde durante oito breves dias se trabalhou em comum para um futuro sol de emancipação que nos aqueceria a todos. Mas, (não sempre um *mas*), foi a surpresa da Federação surpreendida no seu inicio pela conflagração europeia e daí todo o grosso caudal de consequências que esta nos trouxe, e... mais coisas que ela não nos trouxe, mas disso se encarregaram certos indivíduos que empurraram o seu esfor

N.º 257 de A BATALHA Folhetim N.º 45

O CALVARIO

POR
OCTAUE MINDERU

XI

Tinha adormecido... Quando despeitei, era dia claro... De novo os omnibus rodavam na rua; os vendedores ambulantes gritavam os seus preços matinais; contra a minha porta, no corredor onde alguém andava, ouvi o arranhar de uma vassoura.

Sai e dirigi-me para a rua Balzac... Na verdade, apenas pensava em ver a casa de Juliette, em olhar para as suas janelas e encontrar talvez Célestine ou a mãe Sochard... Passei mais de vinte minutos deante da casa... As janelas da sala de jantar estavam abertas, e eu distinguia os metais do lustre, que luziam na sombra... Da varanda pendia um tapete... As janelas do quarto estavam fechadas... Que haveria por detrás dasquelas paredes brancas e impenetráveis? Uma casa desmascarada e em desordem, cheiros violentos de amor, e

Não brinques comigo, hein!... E faze

dois corpos estirados, que dormiam... O corpo de Juliette... e outro?... O corpo de todo o mundo. O corpo que Juliette havia encontrado, ou acaso, na mesa de um restaurante, ou na rua Dornimam; saturados de luxúria!... A porta veio sacudir os tapetes no passo; afastei-me, porque, depois que havia deixado a casa evitava o olhar irônico daquela velha; ruborizava-me cada vez que os meus olhos se cruzavam com os seus dois olhos, pequenos, inchados e maliciosos, que pareciam rir-se das minhas desgraças...

Quando ela acabou, voltou para trás, e fiquei muito tempo a irritar-me contra aquela parede por detrás da qual alguma coisa espantosa se estava passando, contra aquela parede que conservava o aspecto de uma esfinge... De repente, como se um ralo tivesse caído sobre mim, uma cólera louca agrediu-me dos pés à cabeça, e sem raciocínio, sem pensar no que ia fazer, entrei na casa, subi a escada, batí à porta de Juliette... Foi a mãe Sochard quem abriu.

Dize à senhora — gritei eu — dize à senhora que quero vê-la; que desejo falar-lhe... Dize-lhe também que, se não vier, a irei buscar, que a irei arrancar da cama! Entendes?... Dizelhe...

A mãe Sochard, pálida, tremula, balbuciava:

Mas, senhor Mintié, a senhora não está... A senhora não voltou ainda para casa.

Toma cuidado, velha bruxa!... Não brinques comigo, hein!... E faze

o que te mando... Senão, Juliette, tu os móveis, a casa, vai tudo pelo ar! Parto tudo, mato toda a gente!...

A velha creia ergueu os braços para o teto com um gesto assustador...

— Por Deus! É a verdade! — exclamou ela. — Pois se eu lhe digo que a senhora não voltou para casa, senhor Mintié! Vá ao quarto dela, e verá!... E' como lhe digo!

Em dois saltos, precipitei-me no quarto...

O quarto estava vazio... a cama estava feita. A mãe Sochard seguiu-me, passo a passo, repetindo:

— Veja, senhor Mintié!... Veja!...

Passei ao gabinete de toilette... Tudo estava em ordem, como quando nós entravamo tarde, de noite... As coisas de Juliette arrumadas sobre o divã: a chateira cheia de água e colocada sobre o fogão.

— E onde está ela? — perguntei eu.

— Ah! Senhor! — respondeu a mãe Sochard. — Sabe lá alguém para onde a senhora vai? Esta manhã, veio cá uma espécie de criado de quarto, que esteve a falar com Célestine, e depois Célestine saiu, levando um vestido para a senhora mudar... E' tudo quanto sei!

Passeando, no gabinete,achei o cartão que eu lhe tinha mandado na véspera.

— A senhora leu isto?

— Provavelmente, não...

— E não sabes, então, onde ela está?

— Ah! Com certeza que não... A senhora não me conta a sua vida!

Entrei no quarto, sentei-me em um sofá.

— Está bem, mãe Sochard... Esperrei.

E previno-te de que isto vai ter graca... Ah!... Ah!... Isto ha de ter um fim; é preciso que isto acabe... Tenho tido muita paciencia... é verdade... Mas isto agora é de mais!...

Branquia punhos no espaço.

Vai ser engracado, mãe Sochard!...

Podes depois gabar-te de ter assistido a um espetáculo curioso, que nunca te esquecerás, nunca!... E de noite, has-de sonhar, espantada, com ele.

— Ah! Senhor Mintié!... senhor Mintié!... — suplicava a velha. — Pelo amor de Deus, sossegue!... Vá-se embora!

O senhor faz com certeza, alguma desgraça! E que vai fazer, senhor Mintié?... Que vai fazer?

Nesse momento, Spy saiu do seu nicho, avançando para mim, arqueando o dorso, dançando sobre as suas pernas delgadas de aranha!... Eu olhava Spy, obstinadamente... E pensava que Spy era o único ser que Juliette amava: que matar Spy seria a maior dor que podíam inflingir a Juliette... O cão extinguiu as mãos para mim, tentando saltar para os meus joelhos. Parecia dizer-me:

— Se tu sofres tanto, não sou eu a causa... Vingares-te em mim, tão per-

queno, tão fraco, tão confiante, seria cobardia... E depois, julgas que clá-
gosta de mim?... Ei divirto-a conto-
se fosse um brinquedo; sirvo-lhe de
distração, durante uns instantes: eis
tudo... Se tu me matas, esta tarde
ainda ela terá um outro cãozito igual,

que se chamará tambem Spy, e que el-

a encherá de carícias, como me faz agora a mim. Nada mudará!

Mas eu não escutava Spy, como não

escutava nunca nenhuma das vozes que

me falavam, quando o crime me impe-
diu para qualquer má acção... Brutal-
mente, ferozmente, agarrei o cãozito

pelas patas traseiras.

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu. — Olha!

E fazendo girar Spy no ar, com toda

a minha força, esmaguei-lhe a cabeça

contra o ângulo do fogão. O sangue

jorrou para o espelho e para os estóicos

pedaços de massa encefálica foram pegar-se aos castiços; um olho arrancado

caiu sobre o tapete.

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu.

E fizei-me a mesma pergunta que

era a mesma que eu fizera quando

entrei no quarto, sentei-me em um

sofá.

— Está bem, mãe Sochard... Esperrei.

E previno-te de que isto vai ter graca... Ah!... Ah!... Isto ha de ter um fim; é preciso que isto acabe... Tenho tido muita paciencia... é verdade... Mas isto agora é de mais!...

Branquia punhos no espaço.

Vai ser engracado, mãe Sochard!...

Podes depois gabar-te de ter assistido a um espetáculo curioso, que nunca te esquecerás, nunca!... E de noite, has-de sonhar, espantada, com ele.

— Ah! Senhor Mintié!... senhor Mintié!... — suplicava a velha. — Pelo amor de Deus, sossegue!... Vá-se embora!

O senhor faz com certeza, alguma desgraça! E que vai fazer, senhor Mintié?... Que vai fazer?

Nesse momento, Spy saiu do seu nicho, ar-
queando o dorso, dançando sobre as suas per-
nas delgadas de aranha!... Eu olhava Spy, ob-
stinadamente... E pensava que Spy era o único ser que Juliette amava: que matar Spy seria a maior dor que podíam inflingir a Juliette... O cão extinguiu as mãos para mim, tentando saltar para os meus joelhos. Parecia dizer-me:

— Se tu sofres tanto, não sou eu a causa... Vingares-te em mim, tão per-

queno, tão fraco, tão confiante, seria cobardia... E depois, julgas que clá-
gosta de mim?... Ei divirto-a conto-
se fosse um brinquedo; sirvo-lhe de
distração, durante uns instantes: eis
tudo... Se tu me matas, esta tarde
ainda ela terá um outro cãozito igual,

que se chamará tambem Spy, e que el-

a encherá de carícias, como me faz agora a mim. Nada mudará!

Mas eu não escutava Spy, como não

escutava nunca nenhuma das vozes que

me falavam, quando o crime me impe-
diu para qualquer má acção... Brutal-
mente, ferozmente, agarrei o cãozito

pelas patas traseiras.

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu. — Olha!

E fazendo girar Spy no ar, com toda

a minha força, esmaguei-lhe a cabeça

contra o ângulo do fogão. O sangue

jorrou para o espelho e para os estóicos

pedaços de massa encefálica foram pegar-se aos castiços; um olho arrancado

caiu sobre o tapete.

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu.

E fizei-me a mesma pergunta que

era a mesma que eu fizera quando

entrei no quarto, sentei-me em um

sofá.

— Está bem, mãe Sochard... Esperrei.

E previno-te de que isto vai ter graca... Ah!... Ah!... Isto ha de ter um fim; é preciso que isto acabe... Tenho tido muita paciencia... é verdade... Mas isto agora é de mais!...

Branquia punhos no espaço.

Vai ser engracado, mãe Sochard!...

Podes depois gabar-te de ter assistido a um espetáculo curioso, que nunca te esquecerás, nunca!... E de noite, has-de sonhar, espantada, com ele.

— Ah! Senhor Mintié!... senhor Mintié!... — suplicava a velha. — Pelo amor de Deus, sossegue!... Vá-se embora!

O senhor faz com certeza, alguma desgraça!

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu. — Olha!

E fazendo girar Spy no ar, com toda

a minha força, esmaguei-lhe a cabeça

contra o ângulo do fogão. O sangue

jorrou para o espelho e para os estóicos

pedaços de massa encefálica foram pegar-se aos castiços; um olho arrancado

caiu sobre o tapete.

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu.

E fizei-me a mesma pergunta que

era a mesma que eu fizera quando

entrei no quarto, sentei-me em um

sofá.

— Está bem, mãe Sochard... Esperrei.

E previno-te de que isto vai ter graca... Ah!... Ah!... Isto ha de ter um fim; é preciso que isto acabe... Tenho tido muita paciencia... é verdade... Mas isto agora é de mais!...

Branquia punhos no espaço.

Vai ser engracado, mãe Sochard!...

Podes depois gabar-te de ter assistido a um espetáculo curioso, que nunca te esquecerás, nunca!... E de noite, has-de sonhar, espantada, com ele.

— Ah! Senhor Mintié!... senhor Mintié!... — suplicava a velha. — Pelo amor de Deus, sossegue!... Vá-se embora!

O senhor faz com certeza, alguma desgraça!

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu.

E fizei-me a mesma pergunta que

era a mesma que eu fizera quando

entrei no quarto, sentei-me em um

sofá.

— Está bem, mãe Sochard... Esperrei.

E previno-te de que isto vai ter graca... Ah!... Ah!... Isto ha de ter um fim; é preciso que isto acabe... Tenho tido muita paciencia... é verdade... Mas isto agora é de mais!...

Branquia punhos no espaço.

Vai ser engracado, mãe Sochard!...

Podes depois gabar-te de ter assistido a um espetáculo curioso, que nunca te esquecerás, nunca!... E de noite, has-de sonhar, espantada, com ele.

— Ah! Senhor Mintié!... senhor Mintié!... — suplicava a velha. — Pelo amor de Deus, sossegue!... Vá-se embora!

O senhor faz com certeza, alguma desgraça!

— Que vou fazer, mãe Sochard? — ex-
clamei eu.

E fizei-me a mesma pergunta que

era a mesma que eu fizera quando

entrei no quarto, sentei-me em um

sofá.